

# MARCO de CASTRO



Natal em Família

EXTENDED HIGH END LOW NOISE HIGH OUTPUT

DARKSIDE — DRK —



Contos de Natal

# DARK

*“Uma mixtape para desgraçar o seu Natal”*

*Eu voltei agora pra ficar  
Porque aqui, aqui é meu lugar  
Eu voltei pras coisas que deixei  
Eu voltei*



Um conto de Natal de  
**MARCO DE CASTRO**

## **natal em família**

Claudemir desceu do busão, pendurou a pesada mochila nas costas e ficou um instante no ponto, olhando o campinho de futebol. Eram seis e pouco da tarde, os moleques ainda corriam atrás da bola. Quando era menino, também corria naquele terraço. Lembrou-se da vez em que, também em uma véspera de Natal, ele e os amigos ficaram jogando naquele campinho até depois das sete. Sua mãe, dali do ponto de ônibus onde ele estava agora, gritou que fosse logo para casa tomar banho, senão passaria o Natal de castigo e não comeria ceia.

Deu meia-volta e começou a subir a rua em direção à casa da mãe. Na metade da ladeira, o suor já escorria pelo seu rosto, as costas doíam. Antigamente não se cansava daquele jeito. Agora, vinte e quatro anos depois, e mais de dez quilos mais gordo, lutava contra a gravidade, xingava mentalmente a mochila e bufava ruazinha acima.

A maioria das casas havia mudado bastante. Muitas ganharam novos andares de tijolo baiano sem reboco. Outras, das quais Claudemir se lembrava como casas maiores, haviam se dividido em duas e crescido

para cima. Tinha muito mais gente aglomerada. Não eram muitas as casas enfeitadas com luzinhas coloridas e Papais Noéis, mas da maioria delas vinha barulho de música. Sertanejo, pagode, funk... Fumaça de churrasqueira subindo das lajes. Passou na frente de uma casa bem animada, com uma família inteira reunida, que tinha improvisado uma churrasqueira com blocos de cimento na calçada do lado de fora, e assava espetinhos de carne.

— Feliz Natal! — gritou para ele o povo animado e alcoolizado. Claudemir retribuiu o cumprimento examinando aqueles rostos. Não conhecia nenhum. Melhor assim.

Alguns metros adiante, passou na frente de onde ficava a casa de Érica, que também estava completamente diferente. Antes havia um quintalzinho em frente, mas a casa “avançou” e o quintalzinho virou um novo cômodo. Dois adolescentes conversavam, sentados na calçada, em frente à porta. Algum seria filho de Érica? Procurou semelhanças entre os moleques e sua antiga namorada, mas não encontrou. Os meninos perceberam que ele os observava e o encararam, cochichando algo entre si. Deviam estar se perguntando: “Quem é esse gordinho careca, barbudo, de camisa social e óculos, subindo a *NOSSA* rua?”.

O pensamento lhe deu uma certa nostalgia, já que ele também considerava aquele pedaço de asfalto íngreme “*SUA*” rua, quando tinha a mesma idade. Aliás, rua dele, do Flavinho, do Pereba, do Zica... Daquela turma da qual fizera parte e com a qual acabou ingressando no mundo do crime ainda na adolescência.

Flavinho era quem estava mandando em tudo por ali agora. Natália, irmã de Claudemir, sempre o mantivera informado de como andavam as coisas na quebrada. Pereba e Zica estavam mortos. Zica, pelo que soube, a mando do próprio Flavinho. E Flavinho, dizia Natália, estava “ainda mais psicopata do que quando era moleque”.

Sentiu um calafrio. Apesar do estado de saúde da mãe, a irmã continuava dizendo para ele não aparecer. Que “era melhor”. Mas, se ele não aparecesse, talvez nunca mais visse a mãe, nunca mais lhe daria um

abraço, ouviria sua voz ao vivo, olharia dentro de seus olhos... A saudade e a ansiedade agitavam seu peito, davam certa tremedeira enquanto Claudemir se aproximava do casebre de dona Lurdinha, no final da subida.

Diferentemente das outras casas da quebrada, a de sua mãe não havia mudado quase nada. Estava iluminada, e três pivetes, dois meninos e uma menina, brincavam com uma bola na pequena área cimentada entre o portãozinho e a porta da casa (o cubículo ao ar livre que chamavam de “quintal”). Claudemir conhecia aquelas crianças apenas por fotos enviadas via WhatsApp. Eram os filhos de Natália. Os que ela teve com “aquele desgraçado que deu no pé”, como se referia ao ex.

As crianças o olharam, curiosas, quando abriu o portão — destrancado como sempre — e entrou.

— Oi, tudo bem?

As três o encaravam sem dizer nada. A menina, que tinha 9 anos e era a mais velha, saiu correndo para dentro da casa. Menos de dez segundos depois, reapareceu, trazendo Natália pela mão. Ao vê-lo, a irmã ficou boquiaberta. Era evidente que estava feliz, mas ao mesmo tempo ela parecia preocupada.

— Oi, Natinha... — O apelido da irmã caçula, hoje uma mulher de aparência cansada e triste, quase não saiu da boca de Claudemir, de tão emocionado que estava, querendo chorar.

Os dois, enfim, se abraçaram, e ela o puxou para dentro de casa. Na pequena sala, deram de cara com a tia Lucinda, que também estava a caminho do “quintal” para ver o que acontecia.

— Quem é esse moço? — perguntou a idosa com voz estridente; apesar da idade, ela mantinha as pernas firmes e o olhar sagaz por trás dos óculos de lentes grossas.

— Sou eu, tia... — respondeu Claudemir com lágrimas nos olhos e voz vacilante.

— É lógico que é você! Acha que não te reconheço?

E também deram um abraço apertado.

— Vai ver sua mãe, vai... — tia Lucinda falou, dando-lhe uns tapinhas nas costas, enquanto tirava os óculos para enxugar as lágrimas.



Com o coração em disparada, Claudemir se dirigiu ao quarto de dona Lurdinha, onde a TV sempre ficava ligada sobre a cômoda. Deitada na cama e iluminada pela luz fraca de um abajur, com a cabeça erguida por dois travesseiros e uma almofada, para que pudesse ver a novela, a mãe desviou os olhos da tela para ele.

— Claudemir...

— Sim, mãe, sou eu — respondeu ele, caindo de vez em um choro emocionado e avançando para se sentar na cama, ao lado da mãe, e segurar suas mãos.

Como ela estava velhinha e magrinha... A pele parecia papel, e os cabelos branquinhos eram ralos. Forçando a vista por trás de lentes, ainda mais grossas do que as de tia Lucinda, estava bem diferente da mulher forte que o criou. Claudemir notou uma cadeira de rodas no canto do quarto. De repente, dona Lurdinha dobrou o corpo, atirando-se para frente, entre os braços do filho. E os dois permaneceram um tempão naquele abraço apertado, ambos chorando.

— Meu filho, meu filho... Que saudade, meu filho... — repetia ela.

Só depois de um tempo notaram Natália, tia Lucinda e as crianças, ao pé da cama, os observando. Natália e a tia também choravam de emoção.

— Óia, Natinha! Óia, Lucinda! Nosso menino voltou! — comemorou a velhinha, com o rosto do filho entre as mãos. — Natinha, faz favô, minha fia, pega a cadeira de roda, que hoje vô saí dessa cama!

Natinha e tia Lucinda se entreolharam, com cara de espanto.

— Oxe, mãe, faz quase dois ano que a senhora não sai daí! — exclamou a filha.

— Pois hoje vô saí!

Tia Lucinda interveio.

— Deixe, deixe, que eu tiro ela daí! Vai pra cozinha, vocês dois, que deve tê muito que conversá.

— Vem, Claudemir, vamo lá... — chamou Natália, que também puxava as crianças.

Na sala, ela pediu que ele esperasse um minuto. Foi até os fundos e voltou com um cadeado e uma corrente; foi para o portão da frente trancá-lo. Enquanto isso, Claudemir tirou presentes para as crianças de

sua mochila. Uma bola para um dos meninos, um caminhãozinho para o outro e uma boneca para a menina — ela não deu muita atenção à boneca, mas ficou de olho na bola novinha do irmão menor.

Assim que voltou para dentro da casa, Natália trancou a porta da sala. As crianças protestaram, querendo voltar ao quintal. Mas ela mandou que ficassem brincando dentro de casa.

— Tó o celular! Fica aí no joguinho! Não quero vocês lá fora, hein!

Os três então se sentaram de cara fechada no sofazinho da sala. A menina operando o aparelho e os moleques, um de cada lado, de olhos fixos na telinha. Claudemir seguiu a irmã para a cozinha.

— Caraio, como você tá diferente, hein...

— Gordo, né?

— Gordo, careca, barbudo, cara de crente...

— É, eu sô evangélico agora...

— Eu sei. Mas você não manda foto sua, né? Só das criança... Saiu daqui forte, magrinho, o terror da mulherada, e óia como tá agora...

— Pelo menos, acho que ninguém me reconhece, né?

— A gente te reconheceu de cara...

— Mas cês são minha família...

— Te falei que ainda achava perigoso você aparecê por aqui... O Flavinho ainda tá vivo e por aí. Se ele te olhá no olho, te reconhece também...

— Natinha, pensei muito antes de vim. Busquei também conselho com o pastor da minha igreja. Ele me garantiu que, se eu orasse bastante e tivesse muita fé, vinha aqui ver vocês, e não ia acontecê nada com a gente...

— Tomara que não, meu irmão, tomara que Deus tenha ouvido mesmo essas oração...

— Percebi que você ficou com medo assim que cheguei, me desculpa, é que eu tava com muita saudade... — e começou a chorar, sendo abraçado pela irmã.

Logo dona Lurdinha surgiu de cadeira de rodas, empurrada por tia Lucinda.

— O cheirinho tá bom, hein... Quero vê como tá essa lasanha...



— Ixe, mas cê disse que não ia comê, muié — comentou tia Lucinda.  
— Agora que meu menino voltô, quero comê tudo que tenho direito!  
Natália pegou um pano de prato, abriu o forno e tirou a travessa com a lasanha. Estava bonita.

— Acho que já tá pronta, mesmo...

Dona Lurdinha, que a princípio não comeria nada, pegou um pedacinho de lasanha “pra sentir o gosto”, e o devorou. Estava felicíssima, sentada na ponta da mesa, entre os dois filhos. A família, durante todos os anos de ausência de Claudemir, sabia onde ele estava, que era dono de uma lojinha de assistência técnica e artigos para celular, que havia se tornado evangélico e se casado com uma jovem da igreja, com quem teve duas meninas. Mas queriam agora saber os detalhes na voz dele. Como era a esposa e as crianças, se tinha amigos naquela cidadezinha do interior onde ele vivia... E Claudemir falava animado. Dizia para a mãe que a levaria com ele para o interior, para conhecer as netas...

— Não dá meu filho, não aguento viagem! Você que tem que trazê minhas neta aqui...

— É, mãezinha... Vô tentá, vô tentá...

Enquanto os adultos conversavam na cozinha, as crianças, que já haviam comido sua cota de lasanha, voltaram para a sala para jogar no celular da mãe. Estavam entediadas. Centenas de vozes e músicas misturadas vinham da rua e rojões começaram a estourar. E aquela bola novinha que o tio desconhecido havia trazido estava ali pedindo para ser chutada. A menina então teve a ideia de ir para o quintal, achando que a mãe nem perceberia. Pegou a chave, que Natália havia deixado em uma estante, e abriu a porta. Deu de cara com quatro homens que, pouco antes, tinham pulado o portão.

— Salve, salve, quem é vivo sempre aparece! Como vai Claudemir? — Flavinho falava alto, com uma empolgação exagerada, ao entrar na cozinha. — Que coisa mais bonita esse Natal em família, hein...

Dona Lurdinha, cuja cognição não andava boa, não entendeu direito o que era aquilo, nem percebeu a arma à mostra na cintura daquele rapaz que surgiu falando em sua cozinha. Só depois de um tempo

reconheceu que era Flavinho, o amigo de infância do filho que havia se tornado o chefe da quebrada. Já Natália, tia Lucinda e Claudemir traíram de pavor. Empurradas pelos capangas de Flavinho para dentro da cozinha, as crianças correram para os braços de Natália. Também estavam muito assustadas.

Flavinho sacou sua pistola 9 mm cor de chumbo da cintura, puxou uma cadeira e se sentou na outra ponta da mesa, de frente para dona Lurdinha. Botou a arma sobre a mesa, ao alcance da mão direita.

— E por onde você andô, camarada? Pelo visto, tá levando uma vida sossegada, né? Tá gordão, com jeitão de crente...

— É... Eu sô evangélico...

— Oi!? Não escutei!...

— Evangélico. Sou evangélico hoje... Não quero problema com ninguém...

— É mesmo, não qué problema? E resolveu voltar pra quebrada pra ver a mamãe...

— Flavinho, eu vim na paz de Nosso Senhor Jesus Cristo ver minha mãe, que tá doente. Depois eu vô embora...

— Quem disse que você vai embora?

Natália começou a chorar de desespero.

— Flavinho, por favor, não faz nada com ele, é Natal...

O bandido a encarou com um sorriso cínico, demoníaco, nos lábios. Depois voltou a olhar para Claudemir.

— Vamo botá nossa conversa em dia, então, camarada... Na última vez que eu te vi, a gente assaltô uma agência em Santo Amaro. No pinote, você e o Pereba foram pra um lado, você na garupa dele, com a mochila lotada de nota de cem. Eu e o Zica fomo pro outro lado, eu na garupa. Era o combinado. Depois, nós ia se encontrá e dividi a grana. Mas você e o Pereba não apareceram. O Pereba apareceu só depois. Morto... Agora quero sabê, Claudemir: O que aconteceu? — Claudemir respirou fundo.

— O Pereba parou a moto numa ruinha deserta. Pediu pra eu descer da moto. Apontô a arma pra mim e mandô eu entregá a mochila pra ele...

— Interessante... E o que você fez? Sacou sua arma e matô ele igual pistoleiro do Velho Oeste?

Os capangas, atrás, deram risada.

— Joguei a mochila com tudo em cima dele, e ele se desequilibrou. Caiu com a moto, aí saquei minha arma e... — Claudemir começou a chorar e olhar para o alto. — Me perdoa meu Pai, me perdoa... Eu matei, Senhor...

Flavinho começou a bater palmas e incentivou os seus capangas a fazerem o mesmo.

— Olháí o crente, ex-ladrão e ex-homicida, arrependido. Chorando e pedindo perdão a Deus. Agora, me diz, meu camarada... Deixa eu entendê. Você sentô o dedo no Pereba, seu amigo de infância, porque ele tava querendo dá o golpe em nós, certo?

— Certo... — Claudemir soluçava.

— Olha no meu olho quando falo com você, caralho!

Claudemir olhou, mas era difícil encarar aquele demônio. Estava muito apavorado.

— O Pereba quis dá o golpe. Você sapecô ele, mas aí também achô boa a ideia do Pereba e resolveu sumir com a mochila cheia de grana...

— A... Achei que vocês iam me... Matar. Fiquei com medo...

— E agora, mais de vinte anos depois, resolveu voltar pra quebrada, achando que tava tudo certo.

— Orei, pedindo muita proteção ao Senhor...

— Ah, verdade, é evangélico! Achou que Papai do Céu ia te proteger...

A voz de Claudemir adquiriu então uma certa firmeza.

— Não achei... Tenho certeza! Deus tá sempre do meu lado, me protegendo, pois tenho Fé...

Dona Lurdinha, que estava quieta até então, começou a falar.

— Flavinho... É esse seu nome, né, meu fio? Lembro de você criança brincando aqui na rua. Vocês brincando tudo junto. Por favô, deixa meu menino em paz, ele só veio me vê antes de eu ir embora de vez...

Flavinho encarou a velha tentando sorrir com doçura, mas era impossível para ele. Havia muita maldade naquele semblante.

— E a senhora matou a saudade, dona Lurdinha?

— Matei, sim.

— Então tá certo, já pode ir embora.

Flavinho pegou a 9 mm, se levantou da cadeira, mirou e atirou na cabeça da idosa. Pedacos de crânio e miolos se espalharam pela parede branca atrás dela.

Claudemir ficou paralisado. Não entendeu de pronto o que havia acontecido, mesmo vendo a cara de sua mãe caindo no prato sujo de lasanha, que começou a se encher de sangue. A reação de Natália foi diferente. Gritando, levantou-se de sua cadeira e abraçou o corpo da mãe.

— MÃÃÃÃÃÊ!!!! MÃÃÃÃÃÊ!!!! — E lançou um olhar cheio de ódio para Flavinho. — SEU PSICOPATA, FILHA DA PUTA!!!! O QUE VOCÊ FEZ?! VOCÊ MATÔ MINHA MÃÃÃÊ! EU VÔ TE MATÁ!!! EU VÔ TE MAT...

Os berros foram interrompidos por outro tiro de Flavinho, que atingiu o rosto da irmã de Claudemir. Natália caiu sobre a cadeira de rodas de dona Lurdinha, e as duas foram ao chão. Tia Lucinda levantou-se e abraçou as crianças, que estavam em estado de choque após assistir aos assassinatos da mãe e da avó.

— POR FAVOR, POR FAVOR... NÃO FAZ NADA COM ELAS, NÃO FAZ NADA COM AS CRIANÇA! DEIXA EU TIRÁ ELAS DAQUI! — gritava a outra idosa.

Flavinho pensou por um instante. Depois se voltou para seus capangas — que também estavam assustados com aquela situação — e pediu que eles dessem passagem para tia Lucinda e os filhos de Natália. Quando eles tinham acabado de sair da cozinha para a sala, Flavinho, porém, encarou Claudemir e disse:

— Qué sabê? Melhor, não.

E, com passos rápidos, foi atrás da idosa e das crianças, que levaram vários tiros nas costas quando estavam prestes a alcançar a porta de casa.

Flavinho voltou para a cozinha em seguida. Claudemir continuava paralisado, sentado em sua cadeira, olhando para os cadáveres da mãe e da irmã no chão da cozinha, ao pé da mesa onde momentos antes eles estavam animados comendo lasanha de ceia de Natal. Lágrimas rolavam de seus olhos esbugalhados, e a boca, escancarada, tentava soltar um grito que não saía.

— Sabe de uma coisa, Claudemir? — começou a dizer Flavinho aproximando-se dele, que nem escutava. — Não acredito na sua história. Acho que você traiu a gente. Matô o Pereba pra fugir com a grana.

Flavinho enfiou o cano da arma na boca escancarada de Claudemir, que, mesmo com o cano frio pressionando o céu da boca e fazendo sua cabeça inclinar, continuou com os olhos esbugalhados fixos na mãe e na irmã, sangrando no chão da cozinha.

— Faz 24 ano que a gente vigia essa casa, sabendo que uma hora você ia voltá. Feliz Natal, seu trouxa!

E estourou os miolos de Claudemir, que desabou sobre os corpos da mãe e da irmã.

**MARCO DE CASTRO** é paulistano, 44 anos, jornalista formado pela Faculdade Cásper Líbero. Castro foi repórter nas editorias São Paulo e Polícia do jornal *Agora São Paulo*, onde também foi subeditor do caderno “Show!”. Autor com uma bagagem sólida de realidade, teve dois contos adaptados para o cinema pelo diretor Dennison Ramalho: “Morto Não Fala”, que inspirou o longa-metragem homônimo, e “Um Bom Policial”, adaptado como o curta *Ninjas*. Também assina o roteiro de *O Aniversário de seu Lair*, adaptação de seu conto original “Aniversário”, dirigida por Dácio Pinheiro. Castro ama o rock! É compositor e vocalista das bandas punk *Aparelho* e *Coice*. Publicou seu primeiro romance, *Morto Não Fala e Outros Segredos de Necrotério*, em 2021 pela DarkSide® Books.

Contos de Natal

# DARK

*“Uma mixtape para desgraçar o seu Natal”*

mixtape completa



[DARKSIDEBOOKS.COM](http://DARKSIDEBOOKS.COM)